

## **Nasalidade na língua Juruna\***

Cristina Martins FARGETTI

*Universidade Estadual Paulista (Araraquara)*

### **1. Introdução**

Este trabalho pretende discutir questões sobre a nasalidade em Juruna, em destaque o processo de harmonia nasal, apresentando dados que sejam relevantes para a discussão na área. Diferentemente de outras línguas indígenas brasileiras, o Juruna não apresenta consoantes pré/pós-nasalizadas ou mesmo meio-nasalizadas, como existentes em línguas como o Kaingáng (Wetzels 1995). Também apresenta coda silábica sistematicamente não preenchida, e estrutura silábica (C)V, sem onsets complexos. Contudo, o processo de harmonia nasal traz contribuições para a reflexão sobre a questão da transparência, e sobre o domínio da nasalidade.

A língua juruna é falada pelo povo juruna, que habita o Parque Indígena Xingu, Mato Grosso, Brasil, que vive em sete aldeias, próximas à BR-80, na região do Baixo Xingu (Tubatuba, Matxiri, Pequizal, Paqsamba,

---

\* Agradeço as leituras de Leo Wetzels, Gladis Massini-Cagliari e Luiz Carlos Cagliari, que contribuíram para a versão final do texto. Qualquer equívoco ou omissão, contudo, são de minha inteira responsabilidade.

Pakayá, Pakajá, Mupadá) e em dois postos indígenas na mesma região (Posto Diauarum e Posto Piaracu). O censo de 2008 (Fargetti 2008) mostra uma população com 324 pessoas, o que aponta para expressivo crescimento, devido aos inúmeros nascimentos e baixa taxa de mortalidade nos últimos anos.

O termo **juruna** é de origem nheengatu, e quer dizer 'boca preta', pois refere-se a antiga tatuagem facial mencionada em textos de viajantes do século XIX. A auto-denominação é **yudjá**, que segundo os Juruna quer dizer 'dono do rio'. Esse termo vem sendo utilizado, em detrimento de **juruna**, pela ONG Instituto Socioambiental (ISA), em seus textos, inclusive em site na Internet, embora a própria população não veja problemas em ser chamada pelo nome em Nheengatu, pelo qual é conhecida há muito tempo: mesmo atualmente, em documentos de identidade, em assinaturas e na escrita comum de nomes próprios é **Juruna** o que predomina. Por esse motivo não se mudou sua denominação na literatura lingüística.

Segundo classificação de Aryon Rodrigues (1986), o Juruna pertence ao tronco Tupi, formando uma família lingüística com o Xipaya e o Manitsauá, sendo este último extinto. O Juruna encontra-se em situação de uso mais favorável que o Xipaya, uma vez que é falado por toda a população, sendo as crianças pequenas ainda monolíngües na língua indígena; o Xipaya conta apenas com quatro falantes idosos, embora tenha população, em termos numéricos, maior que a Juruna, o que aponta para iminente perda lingüística.

Os dados aqui analisados foram obtidos pela autora junto a falantes da língua, em vários momentos de registro, a partir de 1989, início do contato com o povo e do trabalho de documentação e descrição da língua.

## 2. Fonologia segmental e suprasegmental – um resumo

O Juruna apresenta um sistema de 18 consoantes, subdivididas em 12 obstruintes e 6 sonorantes: obstruintes supraglotais /p, b, t, d, k, tʃ, dʒ, s, z, ʃ/, obstruintes glotais /ʔ, h/, e sonorantes /m, n, w, r, y, ʎ/

Esta classificação, segundo Fargetti, assim é explicada:

"A divisão em obstruintes e sonorantes justifica-se na língua pelo comportamento semelhante com relação à nasalidade ocorrido com as sonorantes: todas podem ser nasalizadas (com exceção, obviamente, das já nasais) diante de vogal nasal. As glotais se distinguem das supraglotais principalmente pelo comportamento no final de sílaba (coda), em que somente as primeiras podem ocorrer" (Fargetti 2007: 76).

Assim, embora se tenha a estrutura (C)V em Juruna, com a coda nunca preenchida, é possível, foneticamente, ocorrer uma glotal, [ʔ] ~ [h] (a oclusiva em 'variação livre' com a fricativa), em final de sílaba, em final de palavra, em ritmo de fala lento, especialmente em elicitacão de dados. Nenhuma outra consoante ocupa essa posição.

É curioso notar que a lateral fricativa sonora /ʎ/ comporta-se mais como uma lateral, podendo ser nasalizada, o que, em textos de outros autores do passado (antropóloga, sertanista, viajantes), registrava-se como uma consoante nasal. Por exemplo, a palavra para o herói mítico [seʎʂʂ] era grafada como Cinaã por esses autores. Esse fonema não tem sua contraparte surda na língua. Isso contrasta com outros dois fonemas, as obstruintes /k, ʃ/, que, por sua vez, não têm sua contraparte sonora. Há casos de alofonia consonantal que não serão discutidos aqui.

Para as vogais, há oposição entre orais e nasais: orais /i, e, i, a, u/, nasais /ĩ, ĕ, ĩ, ã, ũ/. A duração vocálica também é contrastiva. Alguns exemplos de contraste entre vogais orais e nasais:

- |                                    |  |
|------------------------------------|--|
| (1) /ʔeʔá/ [ʔeʔáʔ] chorar          | (2) /ʔeʔá/ [ʔeʔáʂ] pilão (ou 'morrer') |
| (3) /ʔaʔi/ [ʔaʔiʔ] aqui            | (4) /ʔaʔĩ/ [ʔaʔĩʔ] pimenta             |
| (5) /ubá/ [uʔbáʔ] debulhar milho   | (6) /ʔübá/ [ʔüʔbáʔ] sim <sup>1</sup>   |
| (7) /kaka/ [kaʔka] jacupemba (ave) | (8) /kãkã/ [kãʂkã] maracanã (ave)      |
| (9) /wiwi/ [wiʔwi] brincar         | (10) /wĩwĩ/ [wĩʔwĩ] inambu-guaçu (ave) |

<sup>1</sup> Resposta afirmativa na fala masculina.

A língua é tonal, com dois tons fonológicos<sup>2</sup>, e regra de localização do acento dependente da alternância de tons. Alguns exemplos de contraste para tom:

- |              |          |                |              |          |                        |
|--------------|----------|----------------|--------------|----------|------------------------|
| (11) /ʔaʔá/  | [ʔaʔáʔ]  | morcego        | (12) /ʔaʔa/  | [ʔaʔaʔ]  | pênis                  |
| (13) /ʔáʔá/  | [ʔáʔáʔ]  | bocejo         |              |          |                        |
| (14) /wárí/  | [wá'ríʔ] | pica-pau       | (15) /warí/  | [wa'ríʔ] | tamanduá               |
| (16) /uhú/   | [u'φúʔ]  | urubu          | (17) /uhu/   | [u'φuʔ]  | está pronta (a comida) |
| (18) /arápá/ | [a'rápá] | miçanga branca | (19) /arapá/ | [ara'pá] | arara                  |

O acento na língua se define foneticamente pela maior intensidade da sílaba, somente, uma vez que a maior duração e o tom alto não são correlatos para definir a sílaba tônica. Como se observa em (12), pode haver sílaba tônica com tom baixo e pode haver na palavra também mais de um tom alto, como em (13) e (14). Quanto à duração, observem-se os exemplos abaixo:

- (20) /ka:raʔí/ [ka:raʔíʔ] caraíba, não-índio  
 (21) /kapá/ [ka'páʔ] marimbondo, vespa  
 (22) /ka:pá/ [ka:'páʔ] céu

Pelos exemplos (20) a (22), pode-se perceber que a sílaba tônica não é a mais longa e (21) e (22), um par mínimo, comprovam o contraste entre longas e breves (cf. Fargetti, 2007 para outros exemplos de contraste)<sup>3</sup>.

Para a localização do acento, que não tem status fonológico e portanto é predizível, há o algoritmo:

"Ocorre acento na primeira sílaba com tom alto da esquerda para a direita. Caso todos os tons sejam iguais, o acento recai sobre a última sílaba. Ou seja, na ausência de tons altos na palavra, ou numa seqüência de tons iguais (altos ou baixos), o acento recai sobre a última sílaba" (Fargetti 2007: 84).

<sup>2</sup> Aqui apenas o tom alto é marcado com acento agudo. O tom baixo não é marcado. Outros tons que ocorrem foneticamente são assim marcados: tom médio, com um traço sobre a sílaba e glide ascendente e descendente, com traços em curvas correspondentes.

<sup>3</sup> Na ortografia que propusemos em 1994, em uso desde então, não foi proposta a marcação dos tons, acento e duração. Em 2001, após debate que realizamos com os professores, decidiu-se pela marcação da duração vocálica, duplicando, na escrita, a vogal longa. Também foi decidida a marcação de til apenas na vogal intrinsecamente nasal. Contudo, como a ortografia ainda é recente, e seu uso começa ainda a se firmar, adquirindo aos poucos funções, tais questões, obviamente, não se encontram totalmente resolvidas. (cf. Fargetti 2006)

Isso explica a localização do acento nas palavras juruna dos exemplos acima, como se pode observar.

### 3. Harmonia nasal - Análise prévia

Em Fargetti (1992) é tratada a nasalidade como propagação do traço [+ nasal]. É discutida, na referida obra, a questão de qual seria a vogal intrinsecamente nasal, fazendo uma pequena comparação com outras línguas tupi. Na época, havia já vários estudos sobre línguas tupi-guarani (como Dooley 1984, Rodrigues 1990, Guedes 1991, com os quais tal análise prévia então tentava dialogar), mas a partir de então outros estudiosos também se dedicaram a essa problemática, tendo havido propostas diferentes, como a de Costa (2007), que, embora preliminar, teve o objetivo de abarcar outras línguas tupi-guarani, além do Guarani nhandewa.

Em Fargetti (1992) era proposto que em Juruna:

- 1) a vogal intrinsecamente nasal é a que se encontra na última sílaba da palavra (ou morfema) e não necessariamente a acentuada
- 2) a propagação da nasalidade é regressiva
- 3) a propagação da nasalidade é linear, ocorrendo de sílaba a sílaba
- 4) o impedimento da propagação ocorre:
  - nas fronteiras de palavras (mas não de morfemas)
  - na presença de obstruintes sonoras: /b/, /d/, /dʒ/, /z/

### 4. Análise posterior

Em Fargetti (2007), somente a segunda proposição acima foi mantida, ou seja, há realmente propagação ou espraiamento da nasalidade e ela é regressiva, da direita para a esquerda. As demais proposições passaram a não ser mais aceitas devido à análise de mais dados sobre a língua.

A vogal intrinsecamente nasal não é necessariamente a da última sílaba da palavra ou morfema, mas sim a vogal nasal mais à direita, ou

seja, a primeira da direita para a esquerda em uma seqüência de vogais com o traço [+ nasal]<sup>4</sup>:

- (23) [ʃí'bí] irmã dele                      (24) [ʃ'húá] galho

Em (23), a vogal intrinsecamente nasal é a da penúltima sílaba, [í], e em (24) é a da primeira, [ʃ]. Em ambos casos é a vogal nasal mais à direita. O exemplo (24) comprova a única proposição acima ainda aceita, ou seja, comprova que o espriamento da nasalidade é regressivo pois, caso fosse progressivo, as outras vogais da palavra teriam sido nasalizadas, uma vez que a fricativa glotal pode ser transparente para a nasalidade.

A nasalidade na língua afeta traços de segmentos consonantais que antecedem a vogal nasal, portanto, diferentemente da proposição (3) citada acima (Fargetti 1992), propõe-se que ela seja um fenômeno autossegmental.

- (25) [pʃ'réʔ] flauta (genérico)                      (26) [i'dóʔi] curto  
 (27) [ʃõ'míku] podre (peixe)                      (28) [wʃ'i'ũ] duro, difícil  
 (29) [yʃbe'éʔ] fundo, profundo

Nesses exemplos pode-se observar a nasalidade espriando não somente para vogais como também para consoantes sonorantes [ʃ, w, y, r].

O exemplo (27) poderia fazer pensar que a fonte da nasalidade de [ĩ] é a consoante precedente, que é nasal. Contudo, não é possível tal análise pois, além da clara direcionalidade – da direita para a esquerda – há exemplos de vogal seguindo consoante nasal em sílaba acentuada em que a vogal continua oral:

- (30) [má] quem?                      (31) [máseʔu] acabou

Em Juruna não é possível interpretar a vogal nasal como uma vogal nasalizada por uma consoante nasal em coda. Não há na língua, com exceção do caso da oclusiva glotal [ʔ] (em variação com a fricativa [h]) em final de palavra, como se disse acima, nenhuma ocorrência de consoante em coda, por isso a estrutura (C)VC não é possível. Portanto, propor uma análise fonológica com uma nasal /N/ em coda que proporcionaria o

<sup>4</sup> Essa vogal é contrastiva, como pode ser observado nos exemplos acima de (1) a (10).

espraiamento do traço [+ nasal] não seria pertinente para o Juruna. Assim, não é possível adotar propostas da fonologia da geometria de traços como a de Piggot (1992), que propõe os nós *soft palate* e *spontaneous voicing* para tratar de fenômenos em que a consoante nasal desempenha papel importante no espraiamento da nasalidade.

Línguas como o Kayapó e o Apinayé, por apresentarem consoante nasal em coda (inclusive consoantes pré e pós nasalizadas) poderiam adequar-se ao tratamento pela teoria de Piggot, como propõe Salanova (2001). Cândido (2004), utilizando mesmo embasamento teórico, vai propor que o Shanenawa, língua da família pano, não teria vogais intrinsecamente nasais, mas que a nasalidade deve-se ao processo de espalhamento do nó SP (*Soft Palate*), que se ancora na coda ou ataque. Sugere que o Katukina e o Arara, também da mesma família, seguiriam a mesma análise.

D'Angelis (2002) mostra que em trabalho anterior (D'Angelis 1998), tratando justamente de harmonia nasal, em línguas indígenas da América do Sul, reavalia Piggott (1992), apresentando nova proposta. Em especial, propõe que

"quando Nasal for um traço *fonológico* (monovalente) em uma língua determinada, ele estará alocado sob um nó articulador *Soft Palate* (SP), quer em vogais, quer em consoantes (ou seja, onde quer que a oposição *nasal x oral* opere fonologicamente)".

Percebe-se que o autor amplia a proposta de Piggott, incluindo sob SP também as vogais. No trabalho referido (D'Angelis 2002), ele rediscute o sistema fonológico do português, com destaque para as consoantes, retomando as intuições de Mattoso Câmara Jr., que se baseou em Trubetzkoy, validando-as à luz de sua releitura de Piggott (1992).

Mesmo considerando a proposta de Piggot via releitura de D'Angelis (*op.cit.*), incluindo sob SP também as vogais, tal tipo de abordagem não se mostra suficiente para dar conta da harmonia nasal em Juruna, pois, como se verá, neste caso é necessário levar em conta a relação fonologia - morfologia e definir tipos diferentes de aplicação da regra.

## 5. Domínio da nasalidade

Pelo exemplo abaixo, observa-se que a nasalidade não espraia além da palavra, como consta na proposição (4) de Fargetti (1992).

- (32) [a'ɣí        ʔʕʔʕ'hʕʔ]  
 menino        imagem    boneco (ou foto do menino)

Contudo, contrariando parte de tal proposição, pode haver impedimento do espraçamento de um morfema para outro, dentro de uma mesma palavra. Como pode ser observado nos verbos, a nasalidade dos sufixos de negação para o verbo no modo realis, | -ãũ | e | -ũ |, não espraia para outros segmentos<sup>5</sup>.

- (33) [naku'rú    piri'ikʕú]  
                       /pirikú-ãũ/  
 coelho        pular-neg  
 O coelho não pulou.

- (34) [ídzá    iyakúhá    a'wíũ]  
                                       /awí-ũ/  
 mulher    caxiri        beber-neg  
 A mulher não bebeu caxiri.

- (35) [ara'pá    i'ji'jiũ        he    anu    peru'mʕ    i'ji'ji    he    anu]<sup>6</sup>  
 arara        comer-neg    3s    asp    macaco    comer    3s    asp  
 Arara não a come (banana), macaco que a come.

Nos três exemplos acima observa-se que a nasalidade do sufixo de negação não espraçou para os outros segmentos do verbo, ficou restrita ao morfema.

Observa-se, no exemplo (35), que a nasalidade não espraia também na palavra [peru'mʕ] 'macaco', quando deveria espraçar pelo fato da nasal e do tepe retroflexo serem transparentes para a nasalidade. Na verdade, a palavra apresenta um morfema de negação nominal **má**, tendo a base **peru** a tradução aproximada de 'com beijo, ou com botoque', portanto **perumá**

<sup>5</sup> O primeiro sufixo ocorre com verbos terminados em **u** (em que o sufixo de negação substitui **u**) e o segundo ocorre com os verbos com outras terminações (não substituindo as mesmas). Isso para o modo realis, pois no irrealis, a negação é marcada por sufixo diferente, **-ma**, que não tem vogal nasal e por isso não apresentado aqui (cf. Fargetti 2007).

<sup>6</sup> Aqui o verbo 'comer', **ifú**, está em sua forma reduplicada: **ifíifi**, dando o sentido de ação rotineira, que sempre ocorre. A língua ainda teria a possibilidade de, não usando a reduplicação, usar a partícula final **anaana**, de sentido semelhante.



seria literalmente traduzido como 'sem beijo, ou sem botoque'. Inclusive, **peru** é a denominação dada ao povo suyá, também xinguano, porque estes, no passado, usavam botoque nos lábios, portanto, eram os que tinham um 'beijo' grande, em evidência.

O não-espraiamento também ocorre com os sufixos nominalizadores em construções relativas :

(36) [se'náhi k'íhú tʃatʃa'ỹš ua'dzídza]

/tʃa-tʃa-yã/

homem pescar ir-red.-nom 1s irmão

O homem que foi pescar é meu irmão.

(37) [i'zákú na a'ǵí be a'pí a'tjúỹšhš be]

/atjú-yãhá/

ver 1s menino dat cachorro morder-nom dat

Eu vi o menino que o cachorro mordeu.

Nos dois exemplos acima observa-se que a nasalidade dos sufixos nominalizadores também não espraiou: uma vez que o espraiamento, como vimos, ocorre sempre da direita para a esquerda, como as sílabas à esquerda dos sufixos não têm nasais, depreende-se que a nasalidade dos sufixos não se espraiam além deles. Portanto, conclui-se que o domínio da nasalidade é um constituinte morfológico, um radical ou um afixo e não necessariamente a palavra.

## 6. Opacidade

Pelos exemplos abaixo observa-se que são opacas quanto ao espraiamento da nasalidade as fricativas, africadas e algumas oclusivas :

(38) [a'súri] vermelho

(39) [a'ʒʔ] chifre

(40) [a'tʃʒʔ] bando, cardume

(41) [i'dʒʒ] mãe (vocativo)<sup>7</sup>

Pode contudo haver uma seqüência de nasais entre fricativas caso essas sejam idênticas. O que pode ser explicado por um processo de

<sup>7</sup> Esta palavra tem também a pronúncia com o espraiamento da nasalidade: [i'dʒʒ̃].

reduplicação: a sílaba com a fricativa e a vogal nasal teria sido reduplicada<sup>8</sup>, e portanto não teria havido espraiamento da nasalidade:

(42) [ʃ́ʃ́] socozinho (pássaro)

Trata-se de uma onomatopéia, a reprodução do canto da ave, que é muito comum na nomeação das aves como um todo. Vejam-se os exemplos (7), (8) e (10) acima.

Há exemplos em que oclusivas são opacas para a nasalidade :

(43) [i'dó̃rĩ] curto (44) [kara'dí̃di] nome próprio (chefe juruna)

(45) [itini'kí] preto

Mas essas mesmas palavras podem ter pronúncias em que a opacidade não ocorre, com a nasalidade espraiando livremente pela palavra toda. Resta saber qual a distribuição dessa variação, sua abrangência. Há exemplos, inclusive, em que as oclusivas são sempre transparentes para a nasalidade :

(46) [tí'kú] soluço (47) [t̃s'kú] mutum

Caso as oclusivas fossem sempre opacas para a nasalidade, poderia ser feita a generalização de que todas as obstruintes são opacas para a nasalidade. Talvez diacronicamente essa pudesse ser uma hipótese para a língua, que hoje parece estar a esse respeito em mudança. Ou seja, aparentemente, aproxima-se de línguas como o Guaraní, que são praticamente sem opacidade para a nasalização. Provavelmente, portanto, o processo de harmonia nasal no Juruna esteja em transição. Um estudo sociolingüístico sobre esse ponto seria de grande interesse para a melhor compreensão do processo na língua.

A constatação de que nessa língua a opacidade tende a diminuir contraria pressupostos como o de Walker (1999), por exemplo, em seu estudo do assunto via Teoria da Otimalidade. No final de seu artigo, vai dizer que gramáticas com menos segmentos transparentes seriam mais fáceis de aprender, concluindo que a maior transparência em harmonia

<sup>8</sup> A reduplicação, na língua juruna, é um processo muito produtivo, principalmente nos verbos (com sufixação e infixação), em que pode representar idéia de ação reiterada ou de pluralidade (cf. Fargetti 1997).

nasal teria ocorrência limitada, uma vez que induz a um maior número de violações. Assim, pela Otimalidade, o caminho da variação em Juruna, que aponta para uma maior transparência, seria não previsível. Além disso, tal teoria não daria conta de explicar aplicações diferentes, tendo em vista informações morfológicas ou não.

## 7. Conclusão

Na verdade, há que se considerar que o domínio morfológico sempre é mantido, não espraiando a nasalidade além do morfema ou palavra que a contém. A maior "liberdade" no espraiamento está no interior de palavras que não tenham morfemas portadores de vogal nasal. Assim, a aplicação da regra de espraiamento se distingue de acordo com a ocorrência ou não de informação morfológica.

Pode-se, portanto, pensar, pela Fonologia Lexical (Kiparsky 1982), que a vogal intrinsecamente nasal é dada pelo léxico, e também pelo léxico ocorre a afixação de morfemas nasais, com conseqüente bloqueio do espraiamento. Caso não ocorra tal tipo de afixo, o output do léxico recebe o espraiamento da nasalidade da direita para a esquerda. Portanto, o espraiamento é considerado fonético e também por isso localizado no componente pós-lexical. O espraiamento não apresenta exceções lexicais (diferentemente de regras morfológicas), apenas um processo de variação quanto à opacidade, que, como se disse, merece uma investigação futura. Portanto, desta forma, pode-se compreender o fenômeno da nasalidade em Juruna ocorrendo não como processos diferentes mas como tendo aplicações diferentes, o que pode explicar, sem incongruências, a tendência a uma maior transparência já observada em processo de variação<sup>9</sup>.

Este trabalho não pretendeu esgotar o tema da nasalidade para a língua juruna, mas apenas apontar caminhos de análise que contribuam para investigações futuras e para estudos comparativos.

---

<sup>9</sup> A nasalidade em casos de sândi vocálico está em estudo no momento.

## Referências

CANDIDO, Gláucia V.

2004 O processo de harmonia nasal na língua shanenawa-pano. *Estudos Lingüísticos XXXIII*: 989-994.

COSTA, Consuelo P.

2007 *Apyngwa rupigwa: nasalização em nhandewa-guarani*. Tese de doutorado, UNICAMP.

D'ANGELIS, Wilmar R.

2002 Sistema fonológico do português: discutindo o consenso. *DELTA* 18. 1: 1-24.

DOOLEY, Robert

1984 *Nasalização na língua Guaraní. Estudos sobre Línguas Tupí do Brasil*. Série Lingüística, Brasília: SIL.

FARGETTI, Cristina M.

1992 *Análise Fonológica da Língua Jurúna*. Dissertação de mestrado, UNICAMP.

1997 Re-re-reduplicação em Jurúna. *Actas de las III Jornadas de Lingüística Aborigin*, Buenos Aires: UnBA.

2006 Breve história da ortografia da língua juruna. *Estudos da Língua(gem). Questões de Fonética e Fonologia: uma homenagem a Luiz Carlos Cagliari n° 3*, Vitória da Conquista: Edições UESB.

2007 *Estudo Fonológico e Morfossintático da Língua Juruna*. Muenchen: Lincom Europa.

2008 *Relatório de trabalho lingüístico na área Juruna/Yudjá*, (Projeto: "Estudo Lexicográfico da Língua Juruna"), Araraquara: UNESP, São Paulo: ISA (ms).

GUEDES, Marymarcia

1991 *Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá*. Campinas: Editora da UNICAMP.

KIPARSKY, Paul

1982 From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. *The structure of Phonological Representations* Van der Hulst H. & Smith N. (eds.), Part I: 131-265. Dordrecht: Foris Publications.

PIGGOTT, Glyne L.

1992 Variability in feature dependency: the case of nasality. *Natural Language and Linguistic Theory* 10: 33-77.

RODRIGUES, Aryon D.

1986 *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

RODRIGUES, Daniele M.G.

1990 *Fonologia do Guarani Antigo*. Campinas: Editora da UNICAMP

SALANOVA, Andrés P.

2001 *A Nasalidade em Mebengokre e Apinayé: O Limite do Vozeamento*. Dissertação de mestrado, UNICAMP.

WALKER, Raquel

1999 Reinterpreting Transparency in Nasal Harmony. *Proceedings of the HIL Phonology Conference*, Leiden University.

WETZELS, Leo

1995 Contornos nasais e estrutura silábica em Kaingáng. *Estudos fonológicos de línguas indígenas brasileiras*, Wetzels L. (org.), pp. 265-296. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.